



## **A POLARIZAÇÃO DO ORIENTE-OCIDENTE NO FOTOJORNALISMO**

### **PÓS-11 DE SETEMBRO:**

#### **A sedimentação de estereótipos do muçulmano como texto cultural<sup>1</sup>**

#### THE EAST-WEST POLARIZATION IN PHOTOJOURNALISM

#### POST-SEPTEMBER 11, 2001:

#### The sedimentation of stereotypes of Muslim as a cultural text

Alberto Klein<sup>2</sup>

#### **RESUMO:**

Os impactos políticos, econômicos e sociais, decorrentes dos atentados de 11 de setembro de 2001, não deixaram na sombra mudanças de sentido que se processam na ordem da cultura e da mídia. Em meio às transformações de um universo cultural circunscrito midiaticamente, é possível detectar um procedimento que se deu instantaneamente após os atos terroristas e que se perpetua no tempo, diga-se: a redefinição do islã como imagem invertida do Ocidente. A tentativa de constituição de uma nova alteridade resulta em imagens que comportam o status de textos da cultura e são assim distribuídas por jornais, revistas, TV e internet. Este trabalho tem como objetivo analisar estes mecanismos semióticos no âmbito do fotojornalismo da Folha de S. Paulo. O mecanismo de polarização, descrito por Ivan Bystrina, constitui-se como eixo de reflexão deste trabalho. Também são exploradas a noção de Orientalismo, de Said, e estereótipo, de Bhabha. **PALAVRAS-CHAVE** - fotojornalismo; Oriente Médio; texto cultural; estereótipo.

#### **ABSTRACT:**

The political, social and economical impacts arising from the attacks of September 11, 2001, have not left in the shade the semiotic changes are processed in the order of culture and media. In the midst of a cultural transformation framed by the media, it is possible to detect a procedure that took place immediately after the terrorist acts and that is perpetuated in time, let us say: the redefinition of Islam as an inverted image of the West. The attempt to set up a new otherness leads to images that contain the status of cultural texts and are well distributed by newspapers,

<sup>1</sup>Texto apresentado inicialmente ao GT de Comunicação e Cultura da COMPÓS, em 2009, em Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.





magazines, TV and internet. This paper aims to analyze these semiotic mechanisms within photojournalism Folha de S. Paulo. The mechanism of polarization, described by Ivan Bystrina constitutes itself as the axis of study of this work. We also explore the notion of Orientalism, developed by Edward Said, and stereotype, by Homi Bhabha.

**KEY-WORDS** - photojournalism; Middle-East; cultural text; stereotype.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos não deram margem apenas a redefinições geopolíticas e econômicas no mundo, mas também possibilitaram novos reposicionamentos bem como estratificações das representações do Oriente Médio na ordem midiática ocidental. A mobilização de estereótipos, assim como mecanismos semióticos de demonização ou reafirmações simbólicas, constituem algumas operações midiáticas que demarcam novos espaços simbólicos entre Ocidente e Oriente nas diversas formas de linguagem. Do ponto de vista semiótico, tais peças midiáticas serão consideradas aqui textos culturais que engendram ora sentidos complexos, ora redutores, de uma alteridade sempre constante, estampando páginas de jornais, com manchetes e extensas coberturas no jornalismo diário. O espaço midiático em que estas representações são tecidas configura-se hoje como centro de convergência das representações culturais e sociais.

Portanto, para refletir sobre tais representações é necessário e oportuno deixar claro nosso posicionamento quanto ao conceito de texto cultural e a perspectiva adotada para uma exploração destes textos da mídia.

O conceito de texto como unidade mínima da cultura, proposto consensualmente pelos semióticos de Tártu-Moscú (apud. Machado, 2003) em suas famosas teses, permite, com mais propriedade do que a noção semiótica de signo, observar camadas históricas e movimentos de sentido que se operam nas representações culturais. Os elementos de base de quaisquer representações semióticas no âmbito da cultura,





portanto, são a princípio complexas, uma vez que já são pela sua natureza resultado de diversos encadeamentos sógnicos e de sua projeção no tempo e na história (Baitello Jr. 1997). A imagem do tapete, tessitura, urdidura, evocação primeira do vocábulo texto, confere um sentido pleno desta unidade mínima e ao mesmo tempo complexa de tramas não decomponíveis.

O caráter dinâmico do texto, pressuposto pelo seu modo de organização semiótica, foi em grande parte elucidado pelo semioticista tcheco Ivan Bystrina (1995). Há, segundo Bystrina, operações de base comuns à maioria dos textos culturais que os inserem em processos de codificação e valorações ora mais ora menos sedimentados. Alguns destes processos são identificados por Bystrina (1995) como 1) *codificação binária*, mecanismo de divisão de determinado universo simbólico em dois espaços distintos; 2) *polarização*, a necessidade de valoração dos dois pólos em positivo e negativo; e 3) a constituição de *assimetrias*, atribuição de uma força simbólica mais forte ao pólo negativo; trata-se de uma percepção derivada primeiramente da consciência humana da morte.

Tais mecanismos semióticos são claramente identificáveis em um universo de representações políticas e ideológicas que situam de maneira bem delineada o espaço da alteridade. É neste sentido que os atentados de 11 de setembro formaram ocasião para reconstrução e/ou reiteração do Islã como imagem invertida do Ocidente. Todo aparato midiático da grande imprensa agiu e ainda age como uma ferramenta catalisadora de representações que recoloca o muçulmano em oposição absoluta aos valores ocidentais, de matriz cristã.

O fotojornalismo, de todo o conjunto de formas representativas, prestou-se desde então a diversos exercícios de construção de sentido, evidenciando-se como um espaço privilegiado de exploração, no plano da imagem, das tensões políticas e ideológicas vividas desde os atentados.





O objetivo deste trabalho<sup>3</sup>, portanto, é estudar a construção textual das representações do Oriente mediante algumas fotografias publicadas no jornal Folha de S. Paulo. Parte-se da pressuposição de que a fotografia atua, em determinados contextos, como formas textuais por excelência, revelando os mesmos mecanismos presentes em vários textos religiosos, políticos, ideológicos, imaginários, enfim, culturais. No processo de sedimentação de valores e polarizações, esta análise recorre também aos estudos empreendidos por Homi Bhabha (1998) e Edward Said (2007) sobre a estratificação de estereótipos do Oriente.

A construção de sentido através da fotografia não pode ser considerada isoladamente à reflexão do lugar assumido pela imagem técnica como forma de mediação dominante na comunicação contemporânea.

O aprimoramento técnico de dispositivos de captação de imagem e sua popularização ao longo do século XX fez eclodir toda uma cultura moldada pelas formas de visibilidade social. As implicações desses novos modelos centrados na disponibilidade social da imagem técnica são problematizadas através de noções como "reprodutibilidade técnica" em Benjamin, "pós-história" (Vilém Flusser), "simulacro" (Baudrillard), "iconofagia" (Baitello), entre outras noções que, de maneiras diferentes, apontam para o deslocamento de formas comunicacionais diante da hegemonia das imagens técnicas. Tais deslocamentos, analisados por Flusser em vários de seus textos, não se dão por meio da supressão ou da negação de códigos anteriores, senão por um diálogo tenso e complexo.

A relação entre texto (aqui considerado no sentido de texto verbal escrito) e imagem técnica deslindada por Flusser constitui na verdade a natureza da imagem técnica, tornando-se elemento decisivo para o deciframento de sentido. A fotografia, dentre

---

<sup>3</sup> *Este trabalho faz parte de uma pesquisa intitulada Imagens em conflito: fotografias pós-11 de setembro e a determinação do olhar nas tensões entre Ocidente e Oriente, financiada com recursos do CNPq.*





outras tecno-imagens, não pode estabelecer, segundo Flusser, uma relação representativa sem a intermediação dos textos, uma vez que são na sua essência textos científicos aplicados. A experiência da tecno-imagem na sociedade contemporânea decorre primeiramente de uma longa história de vínculos humanos com o universo da escrita, o que leva Flusser a afirmar que "As imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo" (2002, p.13). Tal escalada da abstração em relação ao mundo o leva a considerar, portanto, que o universo de sentido das imagens técnicas é antes de tudo um universo de conceitos. Se a magia das imagens tradicionais consistia em controlar e transformar o mundo através de sua re-apresentação imagética, a magia da imagem técnica consiste em mudar conceitos em relação ao mundo.

O fotojornalismo pós-11 de setembro torna explícita esta dimensão conceitual ao trazer para o plano da imagem o tensionamento de discursos culturais, civilizacionais, religiosos, que ficaram claramente demarcados depois dos atentados nos EUA. Desta maneira, é sobretudo pelas tramas da imagem técnica que a alteridade é realocada e valorada. De que forma o Outro se sedimenta como um texto jornalístico e cultural no Ocidente é um dos problemas centrais de que parte este artigo. As pistas para a construção do Islã como polaridade negativa nos é dada pelo recorte de um estudo que fizemos de fotografias publicadas pela Folha de S. Paulo, periódico diário de maior circulação no Brasil, nos meses seguintes aos atentados<sup>4</sup>. Neste artigo, vamos nos debruçar sobre apenas algumas imagens que são representativas de um claro mecanismo de reiteração de pares opostos, que leva fatalmente à constituição do Islã como ameaça aos valores ocidentais, assim como à fixação de certas imagens, gerando uma simplificação discursiva centrada em determinados estereótipos. Este artigo ocupa-se,

---

<sup>4</sup> Os dados desta pesquisa foram obtidos através do relatório de Iniciação Científica de Angélica Cristina de Oliveira. Nesta pesquisa, há uma série de dados quantitativos que reforçam a análise deste artigo.





pela necessidade de um recorte mais preciso, principalmente com as fotografias publicadas nas capas da Folha de S. Paulo. Sua relação com legendas e textos será considerada em trabalhos futuros. Entretanto, a análise das imagens, aponta, por si só, aspectos bastante significativos.

É possível constatar um profundo investimento do jornal no mecanismo semiótico da polarização. Muito da construção de sentido se dá pela organização da página e pela relação dialógica estabelecida entre as fotografias, mais do que propriamente pelo isolamento dos elementos internos da fotografia. Dessa forma, as capas trazem claramente os espaços definidos a partir do que Bystrina identifica como processo mais elementar dos códigos culturais: a divisão binária. Das 103 capas analisadas, entre setembro de 2001 e setembro de 2002, 21 evidenciavam, pelo seu modo de apresentação das imagens, o tensionamento de dois espaços distintos, um demarcava o Ocidente, quase sempre uma fotografia representando o norte-americano, e outro Oriente Médio, via de regra, muçulmanos retratados publicamente em diversas situações. A demasiada recorrência desta estrutura binária nas capas acompanha-se do processo já descrito de polarização, revelando um claro movimento de definição do muçulmano como Outro, inserido agora em um espaço cujos valores estão oposição diametral ao do norte-americano.

O jogo ideológico lançado pelas capas do jornal orienta-se pela tentativa de esvaziamento da carga polissêmica das fotografias, característica intrínseca das imagens como textos culturais, forçando vetores unidirecionais de sentido. Para tanto, as fotografias demarcam suas fronteiras semióticas, através da diagramação do jornal, mutuamente se negando. Neste sentido, o caráter textual das imagens técnicas não se dá apenas por serem memórias de textos (Flusser 2002), mas também pela sintaxe estabelecida entre as fotografias, expressando uma postura política do jornal tão clara





quanto um editorial manifesto verbalmente. Portanto, deve-se neste caso considerar a capa, integralmente, como uma imagem técnica, assumindo que os vários elementos que a compõem, sejam eles textos ou imagens, não podem ser ingenuamente isolados em um todo fragmentário que geralmente demarca a estrutura das capas de jornal.

Dentre as capas que apresentam esta estrutura binária polarizada, há muitas vezes uma incursão na representação do universo infantil. No caso do Oriente este texto emerge como um mundo contaminado pela violência e pela intolerância. A recorrência sígnica destes elementos, a partir de uma análise quantitativa, sinaliza a constituição de um padrão de representação do muçulmano como incivilizado e selvagem. As figuras 1 e 2 são exemplos ilustrativos deste padrão.



Figura 1



Figura 2

Na primeira capa há uma tentativa de representação do mundo infantil através do lúdico. Na fotografia de cima, crianças norte-americanas fazem pinturas no chão, brincando pacificamente, enquanto na parte inferior da página sobressai a fotografia de





crianças palestinas simulando uma briga com pedaços de pau. Associação das crianças com as armas e à violência coloca-nos diante da imagem fixa do incivilizado, da corrupção da natureza humana, em sua fase mais pura, pela violência e pelo ódio. Ressalta-se a imagem que assombra: "eles são violentos por natureza". A contrapartida é a civilidade, inocência e ternura da criança ocidental. Apesar da presença de um terceiro elemento imagético remetendo ao universo infantil (a atriz que interpreta Emília na série "O Sítio do Pica-pau Amarelo", Dialogicamente estabelecidas, as imagens das crianças palestinas X crianças americanas colocam-se em um jogo em que uma nega necessariamente a outra.

A despeito da tentativa de forçar os signos a dizerem o que esperamos ver do Oriente Médio, um segundo olhar, um pouco mais demorado do que o tempo proposto pelo rápido menu do que o jornal tem a nos oferecer, poderia se envolver com a representação das crianças palestinas motivado por uma estratégia de denúncia pela imagem: "Que futuro têm as crianças palestinas?". Tal perspectiva é válida também para a figura 2. Entretanto, devemos ressaltar que este sentido é menos óbvio que a primeira leitura uma vez configurado o tensionamento polar que motiva a leitura, além é claro das condições de leitura previamente definidas por uma estrutura de capa de jornal, que se coloca apenas como uma etapa de uma trajetória de leitura que deverá terminar nas matérias internas. Em que medida leremos as matérias internas com o olhar pré-configurado pela capa?

Este jogo entre civilizado/incivilizado reaparece claramente na figura 2. No plano inferior, uma criança afegã vestida com uniforme militar, aponta uma arma para um boneco deitado sobre o chão. Já na parte superior há um mistura proposital de elementos simbólicos a fim de dar um peso editorial à imagem, tentando afirmar uma conciliação entre Ocidente e Oriente.







O adensamento simbólico através de textos imagéticos como a bandeira ao fundo, vestimenta árabe, sinal da paz, denuncia a estratégia de pose no fotojornalismo, um elemento conotativo determinante estudado por Barthes (1990). Mediante este recurso, o jornal imprime categoricamente sua opinião expressa de maneira visual. A afirmação taxativa "uma criança árabe pedindo paz" rompe com a expectativa comum de observação de crianças desta mesma cultura em contextos de violência. A demarcação da oposição, entretanto, "criança civilizadaXcriança bárbara", acaba por reiterar que a ocorrência imagética de uma criança árabe pacífica é apenas uma exceção, uma concessão do jornal em meio à simplificação discursiva que marca as representações imagéticas do Oriente Médio. O tensionamento entre as duas imagens coloca em relação outras possibilidades de sentido. A imagem da criança de cima acaba por revelar a necessidade de civilizar o Oriente ou o muçulmano sob os signos do Ocidente, o que enfatiza, ao invés de aparentemente romper, a estrutura binária e polar.

Este tipo de discurso fica também evidente na figura 3. Apesar de se tratar, no caso da fotografia de baixo, de uma criança em uma escola étnica de São Paulo, fica clara a relação de polaridade entre Ocidente e Oriente no que denominamos imagens pós-11 de setembro.

A necessidade de civilizá-los sob a bandeira decorre, sobretudo, de considerar o Islã uma ameaça aos valores ocidentais. O temor do crescimento vertiginoso do Islã em países do Ocidente é tematizado em imagens com a convocação de símbolos dos dois lados, assim como de representações estereotipadas. As três capas seguintes, através da polarização das imagens, demonstram claramente este discurso.





Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Nas três capas a confrontação das imagens demonstra uma espécie de inversão em relação ao modo de apresentação das páginas anteriores. As fotos superiores são todas representações do Oriente Médio, ao passo que as inferiores, menores, assinalam um signo norte-americano. A bandeira verde, destacando-se sobre a fotografia do presidente George W Bush, demarca a força simbólica do Islã. Seu posicionamento superior, além do espaço ocupado na página, nos remete ao poder de expansão do islamismo sobre o Oriente.

Estas capas apontam um outro aspecto da ameaça: ela está presente não somente pelo expansionismo islâmico, mas sim pela tematização semiótica das massas de muçulmanos. A aglomeração de pessoas contrasta com a representação da





individualidade em duas delas e com a poeira de destruição em Manhattan na figura 5. Neste último caso a composição discursiva associa inequivocamente o Islã aos atentados de 11 de setembro. Já o confronto semiótico entre massas e individualidade remete-nos ao estabelecimento de pares de sentido opostos. De um lado, falta de identidade, desordem ou descontrole, fúria. Do outro, individualidade, identidade, ordem, preparo.

Há, paralelamente aos mecanismos de polarização, uma força assimétrica na constituição das capas, pendendo a favor do lado negativo. Embora este não seja o foco deste trabalho, é possível constatar que as fotografias que representam o Oriente Médio tendem a causar um impacto perceptivo maior. Segundo Bystrina (1995), a assimetria é um elemento semiótico que incide em grande parte dos textos da cultura, tendo como raiz a consciência humana da morte, sinalizada culturalmente como pólo negativo.

A construção de textos/imagens polares reabilitou estereótipos e imagens fixas sobre o Oriente que o ensaísta palestino/norteamericano Edward Said denomina de Orientalismo, uma forma rígida de discurso do Ocidente sobre o Oriente Médio. O fato de serem retratados, via de regra, como selvagens e em bandos cumpre a expectativa de um discurso que há alguns séculos, segundo Said, vem se sedimentando no Ocidente. Segundo o autor:

*Não se deve supor que a estrutura do Orientalismo não passa de uma estrutura de mentiras ou de mitos que simplesmente se dissipariam ao vento se a verdade a seu respeito fosse contada. Eu mesmo acredito que o Orientalismo é mais particularmente valioso como um sinal do poder europeu-atlântico sobre o Oriente do que como um discurso verídico sobre o Oriente. (...) O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia européia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem se feito considerável investimento material (2003, p. 33)*





A mobilização do estereótipo das crianças selvagens, ou da massas sem controle, apresentam recorrência considerável. O estereótipo, como parte de um corpo discursivo orientalista, não deve ser tomado simplesmente como uma falsidade ou uma mentira orquestrada pelas agências de notícia, até porque grande parte dos fotografos responsáveis por estas imagens têm origem árabe. O problema deve ser colocado também em uma outra etapa da atividade jornalística: edição e diagramação. São nestas fases que se dá a construção simplificadora de um discurso através do tensionamento e polarização das imagens. Assim os recursos de edição e diagramação, nestes casos específicos, funcionam como peças de texto orientalista, são parte do que Said denomina dispositivo de controle do Ocidente sobre o Oriente.

Vale lembrar que lançar mão de estereótipos não implica necessariamente recorrer a representações falsas. A questão da veracidade ou não do que está sendo representado não está em jogo. Neste sentido, seria inócuo questionar nestes casos se o conteúdo das fotografias correspondem ou não a uma determinada realidade. As crianças muçulmanas são violentas por natureza? O Oriente Médio é uma ameaça aos valores ocidentais? O que devemos considerar é a transformação de textos semi-óticos complexos em uma imagem redutora. Assim, concordamos com a posição de Homi Bhabha:

*O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (Homi Bhabha: 1998: 117)*

Mesmo sem tocar na questão do estereótipo, a atribuição de um caráter conceitual às imagens técnicas, proposta por Flusser, torna-se aqui pertinente, uma vez que se verifica a reprodução, no plano ideológico, do discurso imperialista dos valores norte-





americanos. O jornal Folha de S. Paulo, apesar de em seus textos verbais, principalmente em seus editoriais, mostrar-se crítico em relação ao discurso imperialista de George W Bush (cruzada), acaba pelas imagens cedendo a este discurso. Se lermos o jornal apenas pelas imagens, a criticidade dos textos se apaga ante a mobilização ideológica dos estereótipos. Um fator que não pode ser descartado é, sem dúvida, econômico, o que leva a imprensa a uma dependência das agências internacionais. Assim mesmo não se deve eximir as atitudes do próprio jornal, que tem o papel de selecionar imagens e editá-las.

Neste sentido, a construção do outro através das imagens passa necessariamente pela sedimentação de estruturas binárias e polares de textos culturais. Esta estrutura que demarca e condiciona previamente o olhar a encarar o Ocidente e o Oriente sob os signos da civilização X barbárie, caos X ordem, equilíbrio X fanatismo, luz X trevas, em um espaço midiático que foge aos desafios da complexidade para se entregar à força superficial do espetáculo.

## REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., Norval. A era da iconofagia. São Paulo: Hacker, 2005.

\_\_\_\_\_ BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1997.

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'água, 1991. BENJAMIN,

Walter. Illuminations. New York: Schocken Books, 1969. BHABHA, Homi. O local da

cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. BYSTRINA, Ivan. Tópicos de Semiótica da

Cultura. São Paulo: CISC, 2005 (pré-print) FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. Rio de

Janeiro: Relume Dumará, 2002.





MACHADO, Irene. Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Angélica; KLEIN, Alberto (orientador). A construção do Oriente Islâmico no fotojornalismo: uma análise semiótica das fotografias da invasão estadunidense no Afeganistão. (relatório de Iniciação Científica). Londrina, UEL, 2008. SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Texto recebido em 18 de janeiro de 2010

*Text received on January 18, 2010*

Texto publicado em 01 de março de 2010

*Text published on March 01, 2010*

